

# **PROJETO MIRAIRA – PRÁTICA CULTURAL PARA A DIVERSIDADE NUMA ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL**

**Maria de Lourdes Macena Filha<sup>1</sup>**

**IFCE**

## **RESUMO**

Neste trabalho apresento resultados obtidos com prática cultural no laboratório de vivências conhecido como Grupo Mira ira, observando como esta vem contribuindo para formação, compreensão, respeito e reconhecimento da diversidade, entre outros aspectos de formação cidadã. Na introdução apresento abordagens sobre escolas eficientes, qualidade em educação e educação intercultural. Como metodologia utilizo a técnica do estudo de caso sobre uma prática cultural desenvolvida no CEFETCE há 26 anos, estudo bibliográfico de artigos escritos por outros pesquisadores sobre a atividade em estudo em eventos acadêmicos e observação participante continuada. Nosso objetivo com este é divulgar a atividade para que práticas similares possam ser desenvolvidas na escola cearense, considerando os resultados positivos obtidos.

Palavras chaves: qualidade em educação – diversidade cultural - interculturalidade.

## **Introdução**

O Brasil, apesar de falar um único idioma, sem grandes diferenças de dialetos, constitui-se num país de grandes distinções étnicas. Apesar de enfatizar apenas três matrizes culturais - índia, branca e negra - é importante destacar que cada uma destas se constitui de uma diversidade enorme de outras matrizes com características próprias de saberes e fazeres que dão um sentido singular a sua vida e ao seu existir espalhados nas cinco grandes regiões desta terra brasileira.

Quando falamos de matriz indígena nos referimos às diferentes nações como os Ianomâmis, Guaranis, Caiapós, Suruí, Xavante, Crenaque, Goitacazes, Bororos, Aimorés, Tupacmarú, Caetés, Carijós, Potiguaras, Maracás, Tamoios, Tupis, Cariris, Tapebas e Tremembés entre tantos outros com distintas concepções quanto ao modo de viver e ser. Ao citarmos negros, fazemos referência, na verdade, aos afro-brasileiros oriundos dos diversos encontros dos povos Banto, Jeje, Fanti, Fon, Hauçá, Ioruba, Ijexá, Gã, Malê, Nagô, Queto, Quimbungo, Malungo que o regime escravocrata possibilitou (BENJAMIM, 2003). Ao

---

<sup>1</sup> Docente CEFET/CE- Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará - Grupo de Estudos em Cultura Folclórica. E-mail: [lumacena@cefetce.br](mailto:lumacena@cefetce.br) / Doutoranda em Ciências da Educação – UAA. Rua Ernesto Pedro dos Santos, 398 – Jockey Club – Fortaleza/CE – Fone:85.8822.8303/ 3290.2673

mencionar europeus, nos referimos não somente aos portugueses, mas também aos espanhóis, italianos, franceses, alemães, ingleses, poloneses, árabes, sírio-libanês e judeus, todos estes que aqui estiveram ou estão e favoreceram ou favorecem esta miscelânea de usos e costumes que marcam sobremaneira o povo plural que somos hoje. Assim, é importante destacar que a escola que queremos deve, entre tantas outras coisas, dar espaço principalmente para a valorização destes distintos pedaços de brasis estabelecendo também uma convivência intercultural com o mundo.

### **Sobre educação escolar de qualidade e educação intercultural**

Segundo Miranda (2008), toda política educativa deve ser estabelecida dentro de três pilares essenciais: qualidade, equidade e participação. Uma escola oferece uma educação de qualidade quando alcança os objetivos e propósitos expostos em seu projeto educativo, quando atende e cobre a demanda educacional necessária da população, quando garante a promoção dos alunos com baixa repetência evitando o abandono escolar e ainda se os profissionais envolvidos possuem a formação necessária e garantem o trabalho coletivo que um centro de ensino como este exige.

Para Gadotti (1992), “*uma educação escolar de qualidade deve criar as condições concretas, para que cada educando possa tornar-se um cidadão ativo na sociedade*”. Um sistema educativo e cultural deve estar envolvido com a sociedade na qual está inserido e ter consciência de sua responsabilidade na promoção de mudanças positivas necessárias. Uma educação de qualidade é, antes de tudo, uma educação a que todos têm acesso, que adota o pluralismo, o respeito à cultura do aluno, que enfrenta o desafio de manter o equilíbrio entre a cultura local e a cultura universal.

É necessária sim, a construção da escola desde a diversidade para a igualdade, no entanto convém chamar a atenção para não confundir universalização da educação com uniformização, fazendo da *educação para todos* apenas uma extensão do modelo das elites, de um jeito apenas, de uma única maneira, encarando a diversidade universal sem valorizar o particular de cada aluno, sua identidade, sua diferença e o universo onde a escola se encontra, utilizando-se da valorização de diferentes culturas para dar um modelo único, uniformizador imposto pelos grupos dominantes.

Equidade em educação, segundo Gadotti (obra citada), significa igualdade de oportunidades para todos desenvolverem suas potencialidades e implica numa pedagogia dos

direitos humanos universais, observando que este homem universal não existe, assim, este direito para todos implica também o direito de ser diferente.

O sistema educativo deve favorecer um modelo de educação intercultural beneficiando a convivência sobre uma base de respeito mútuo, estimulando a participação em pé de igualdade de distintas culturas, mantendo ao mesmo tempo o desenvolvimento de todos os alunos como cidadãos do mundo, porém conservando e valorizando sua identidade. Para Bolívar (2004), o interculturalismo prioriza a identidade local e uma educação aberta de modo pluralista, reforçando a função educativa de ensinar a viver juntos em meio a diversidade cultural e a várias mudanças tecnológicas em um fluxo constante de informações. Aprender a viver junto, para o autor citado acima, significa se tornar capaz de trocar idéias, refletir, comparar, buscando compartilhar por igual um conjunto de direitos democráticos, de participação e comunicação favorecendo a socialização e o desenvolvimento de todos.

Ana Canen (2002) chama a atenção para a necessidade de formação continuada dos/das docentes que favoreçam ações pedagógicas de valorização à pluralidade cultural assegurando a representatividade de grupos étnicos-culturais da população em currículos não etnocêntricos, enfatizando um maior conhecimento dos alunos e valorização positiva dos mesmos, trabalhando no sentido de mobilizar expectativas positivas que promovam a aprendizagem de todos independente de raça, sexo, classe social ou padrão cultural. Em uma perspectiva cultural crítica este é um caminho possível e instigante para uma formação de professores que vislumbre a transformação da escola em um espaço de cidadania para todos os alunos.

### **Educação intercultural na escola do Ceará – um breve olhar**

Observando a prática pedagógica em educação intercultural nas escolas cearenses, diante de todo o exposto acima, encontramos numa breve reflexão alguns problemas a serem resolvidos como exponho abaixo:

- Na busca de enfatizar as diferentes culturas nossas escolas tem desfavorecido o conhecimento dos saberes e fazeres do nosso povo;
- Praticamente inexitem publicações pedagógicas sobre o patrimônio imaterial do Ceará que facilitem um reconhecimento das práticas culturais dos nossos 184 municípios, desfavorecendo assim uma conscientização docente para valorização destas junto aos alunos de cada lugar;
- Os livros utilizados em sala de aula, com raríssimas exceções, são geralmente oriundos da região sudeste que tem realidade distinta;

- Práticas culturais de índios e negros da nossa terra são desconhecidas pela escola, no entanto se destaca e se dá ênfase aos de outros estados, países e/ou continentes;

- Percebe-se uma dificuldade muito grande da valorização local diante do global por parte das ações pedagógicas docente e os cursos de formação de professores não conseguem resolver o problema.

Diante dos pontos abordados, seria conveniente observar que na prática a escola cearense vem cometendo equívocos no momento em que planeja o seu projeto pedagógico com base numa educação intercultural valorizando a diversidade, no entanto, vendo esta bem além de si mesma, onde apesar de favorecer o inter-relacionamento e convivência de todos, deixa de destacar as características, elementos e sinais de pertencimento que fortalecem a identidade de cada aluno.

Assim, a escola, que promove um sentido de valor do que serve e do que não serve junto aos/as alunos/as, contribui para uma desvalorização dos saberes da comunidade e da família local, na forma como estes não são abordados ou destacados na prática docente. Em meio à pluralidade brasileira existe uma face cearense que tem sua própria marca e cabe às nossas escolas destacá-la, não numa supervalorização monocultural e tampouco para formação de guetos, mas sim para fazermos parte destes diversos pedaços de brasis, na busca de uma educação de qualidade com igualdade e participação, sem perder o rumo do povo que realmente somos.

Apresento a seguir uma estratégia construída e mantida pelo CEFET/CE por mais de duas décadas com o objetivo de minimizar os pontos abordados acima na busca constante de qualidade na educação que oferta.

### **O Grupo mira ira como estratégia de educação não formal para o ensino da diversidade cultural e cidadã.**

O **Projeto Miraira**, surgiu no CEFET/CE em 1982 como uma oferta de prática cultural continuada, trabalhando com aspectos da educação não formal como, por exemplo: liberdade para entrar e sair em qualquer período, faixa etária diversificada (pois apesar de predominantemente ter alunos do ensino médio e superior trabalha também com alunos do ensino fundamental), não exige seleção para ingresso, e tem avaliação colegiada, em grupo, na forma das comunidades tribais que sentam para discutir seus problemas e criar regras e estratégias para resolver.

Hoje, o Projeto tem um laboratório de vivências práticas de 12 horas semanais, um grupo de pesquisa cadastrado no CNPQ, uma atividade permanente de pesquisa e registro do

patrimônio imaterial a ser disponibilizada em formato digital até 2010 e um curso de especialização e estudo em Cultura Folclórica Aplicada visando capacitar profissionais na área.

Neste artigo me dedicarei a apresentar apenas os resultados obtidos com a prática cultural no laboratório de vivências observando como este vem contribuindo para formação, compreensão, respeito e reconhecimento da diversidade, característica principal desta nação brasileira.

O núcleo de vivências, estudos, pesquisas em cultura folclórica teve início há 26 anos e trabalha em prol da difusão, dinamização da cultura popular brasileira, principalmente no que diz respeito aos usos e costumes do povo cearense. Fundado em fevereiro de 1982, por iniciativa da própria Escola, tendo como objetivos favorecer o reconhecimento da diversidade cultural cearense, contribuindo para o interesse na prática, no registro, no estudo, na pesquisa destas expressões tradicionais populares, do Ceará principalmente, do Brasil e da América latina, compartilhando estes saberes com os alunos dos diversos cursos de ensino médio e tecnológico do CEFET e comunidade interna e externa, incentivando também a pesquisa de iniciação científica nesta área.

O Mira Ira laboratório (popularmente conhecido como Grupo Mira Ira) funciona como um projeto de extensão que possibilita acesso a este tipo de atividade cultural mesmo que o aluno não seja regularmente matriculado. O CEFET/CE possui uma carga de disciplinas tecnológicas muito grande. Com receio do que isto pudesse acarretar na formação humana dos adolescentes e jovens estudantes dos seus mais diversos cursos, pensou-se na criação de um trabalho que pudesse por meio da arte contribuir com o fortalecimento do homem e do Ceará. Assim surgiu o Mira Ira com o objetivo de promover o encontro de nossa juventude com aquilo que lhe fosse mais peculiar, original e importante, ou seja, a música, os usos e saberes, a brincadeira informal, a lúdica saudável, a dança, a festa e a fé presente no povo cearense, para que isto pudesse sensibilizá-lo que, por trás da dança, do tambor, da música, da festa, está um povo sem escola, sem dentes, sem espaço pra morar. Está um povo explorado que possui apenas seu fazer como cartão de visita, que nos chama atenção para que possamos vê-los e perceber suas necessidades, angústias e emergências e assim entender que é para que estes homens e mulheres possam ter realidades melhores que realmente vale a pena estudar, buscar o saber e o desenvolvimento, pois é para este Ceará que temos que olhar e trabalhar.

O Grupo usa a música e a dança como elemento de envolvimento e sensibilização de todos que dele participam diretamente ou como expectador. Em seus 26 anos já levou seu trabalho para vários estados brasileiros e municípios cearenses, realizou várias exposições para compartilhar saberes adquiridos com outras escolas públicas do Ceará, ministrou palestras e

gravou um CD para ser utilizado como recurso pedagógico nas escolas de ensino fundamental e médio. No grupo trabalha-se sempre com um total entre 25 e 45 participantes, sendo 10 a 12 músicos estudando instrumentos étnicos do nosso Estado e do nosso país; e os demais integrantes são dançarinos populares, atores, poetas. Todos são formados, capacitados, estimulados e incentivados pelo nosso projeto.

Para entrar, a pessoa deve verbalizar a vontade de participar da iniciativa, preencher uma ficha de inscrição, iniciar um período de dois meses de estágio participando das atividades de estudos, ensaios e apresentações na comunidade demonstrando capacidade para a convivência, participação e colaboração. Após os dois meses, em conjunto, o grupo decide sobre a permanência. Ele pode ser do CEFET ou não.

As atividades no laboratório se desenvolvem da seguinte forma: Oficinas práticas semanais, estudos orientados individuais e coletivos, ensaios específicos: música na 3a. feira a noite de 19: às 21:30 horas; danças, folguedos, poesias, usos e costumes às 4as. Feiras de 18 às 21 horas. Aos sábados verificamos coletivamente o que foi preparado na semana e ensaiamos de 14 às 17:30 horas utilizando os 30 minutos de reunião no final para ajustes. Fazemos mutirão aos domingos para confecção de adereços, melhorar figurinos, intensificar oficinas, etc., quando necessário.

Durante todo o ano abordamos em reuniões e momentos estratégicos orientação permanente para o conhecimento e respeito quanto à diversidade sexual, estimulando os cuidados necessários para heterossexuais e homossexuais visando educação para uma sexualidade sadia e responsável.

Toda a organização e cuidados quanto à infra-estrutura de acervo, memória, adereços, figurinos e instrumentos é feita de forma coletiva e compartilhada. Eles cuidam, zelam, consertam, ajustam, lavam, engomam e guardam. O projeto estimula a filosofia do “um por todos e todos por um”, onde por meio da responsabilidade consciente compartilhamos alegrias e dificuldades.

Estamos no momento avaliando até que ponto o laboratório realmente contribui para o conhecimento da cultura popular cearense por meio da prática em dança tradicional no ambiente do CEFET/CE. Esta atividade se converteu em um trabalho de iniciação científica de Danielly Pereira e Emanuely Queiroz<sup>2</sup> ambas participantes como dançarinas no laboratório sendo uma aluna de curso de graduação da UFC e outra graduada pela UECE.

---

<sup>2</sup> Proposta apresentada em Pôster durante o VII Encontro de Iniciação Científica do CEFET/CE e que recebeu premiação de melhor trabalho durante o evento. Trabalho em andamento. Ver referências.

Vanda Borges (2004) realizou um estudo sobre nossa prática cultural tendo diagnosticado, sob orientação de Ismael Pordeus, que o grupo Miraira por meio de sua performance da tradição atua nos processos relativos a transmissão, conservação e significados da memória social.

Nas entrelinhas da paixão de todos pela música e pela dança, além dos estudos sobre saberes e fazeres, usos e costumes cearenses, trabalhamos e estabelecemos discussões sobre a questão indígena (sua luta permanente pela terra, escolas diferenciadas, políticas públicas e reconhecimento das comunidades cearenses, principalmente); comunidades quilombolas (espaços de inclusão, escola pública, acesso a universidade, reconhecimento dos negros cearenses, usos e costumes); aspectos quanto a religiosidade (liberdade de expressão); mestres e saberes populares (quem são, onde estão, direitos e demandas sociais); sexualidade (o direito de ser diferente, de amar quem quiser com respeito e dignidade sendo um homem ou mulher que promova o bem para a sociedade) entre tantas outras abordagens para uma formação cidadã.

Tenho percebido em 37 anos de prática docente com cultura popular tradicional que há muitos anos algumas instituições educacionais tem inserido em seu contexto atividades práticas de danças folclóricas, folguedos e confecção de instrumentos de percussão ou outros similares. Apesar disso é importante notar que tais projetos na maioria das vezes não têm uma ação continuada tampouco um projeto que seja da escola e não da professora ou de uma vontade circunstancial da diretora. Quando surge a idéia todos acham muito interessante, no entanto, falta o planejamento onde se tem que estabelecer dados importantes como o que, para que, como e quanto custará a curto, médio e longo prazo, pois em educação tem que se pensar sempre em atividades com grande duração, pois formação e sensibilização não acontecem da noite para o dia.

Tenho tido oportunidade para verificar que tais iniciativas tem se concentrado apenas na atividade em si de dançar, cantar ou tocar, sem, no entanto, se dedicarem ao processo, ao caminho que tudo isto pode nos levar, no que está por trás da lúdica que se faz e se revive, no grande potencial de oportunidades formativas e educacionais que tais atividades podem favorecer e que só alcançam por meio de um projeto pedagógico flexível e de ação continuada.

### **Considerações finais**

Ao pensar em educação de qualidade de acordo com as exposições e citações de Miranda (2008) e Gadotti (1992), da página dois deste artigo, posso afirmar que o CEFET/CE oferece uma educação eficiente segundo seus relatórios e história educativa de quase cem anos dentro do nosso Estado, e que o Projeto Grupo Miraira se mantém dentro desta instituição procurando

atender a necessária formação para valorização da pluralidade cultural exposta por Ana Canen (2002).

O Laboratório de Vivências Grupo Miraira visto a partir das afirmações de Bolívar (2004) neste trabalho, possui filosofia de educação intercultural na maneira como prioriza o local e se abre para conhecer o mundo.

No decorrer do tempo vivido, este projeto vem a cada ano se adaptando às mudanças sociais e educacionais, estabelecendo melhorias e ajustes de acordo, principalmente, com as avaliações em grupo e diante de estudos permanentes de seus coordenadores. Não é a excelência artística que se busca principalmente, considerando que este é um projeto cultural, mas sim, utilizar a arte popular tradicional como um caminho de estreitamento afetivo entre alunos, comunidade cefetiana, interessados em geral com as comunidades e mestres portadores destes diversos saberes e suas demandas sociais.

## Referências

BOLIVAR, A. (2004, março). *Ciudadania y escuela pública en el contexto de diversidad cultural*. Revista Mexicana de Investigación educativa vol. 9 n. 20 , 15-38. Consultado em 28 de Janeiro de 2008 de [http:// www.comie@unam.mx](http://www.comie@unam.mx)

BORGES, V. PORDEUS, I. *Performance da memória – como o grupo Miraira.....*[cd anais eletrônicos]. IV Encontro de Pesquisa e Pós-graduação CEFET/CE, Fortaleza, 2004.

CANEN, A. & OLIVEIRA, A. M. A. (2002). *Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso*. Revista brasileira de educação set-dez, n. 021, 60-74. Consultado em 28 de janeiro de 2008 de <http://www.redalyc.com>

GADOTTI, M. (1992). *Indicadores de qualidade da educação escolar*. Anais do Seminário O controle da qualidade da educação escolar, Recife: UNICEF.

MIRANDA, M. E.F. (2008). *Calidad de la educación: escuelas efectivas*. Módulo de apoio a docência, texto não publicado entregue em sala de aula em Janeiro de 2008.

PENIN, S. T. S. (1994) *A aula: espaço de conhecimento, lugar de cultura*. Campinas, SP: Papirus.

QUEIROZ, V. E. e RODRIGUES, D. Q.P. *A contribuição do Grupo Miraira para o conhecimento da cultura popular Cearense por meio da dança folclórica no ambiente do CEFETCE*. In: ENCONTRO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO CEFETCE, VII, 2007, Fortaleza. **Pôster – Prêmio melhor trabalho iniciação científica em artes**. VII ENPPG e VII ENICIT, 2007.



SILVA, P. B. G. (1993) *Diversidade étnico-cultural e currículos escolares – dilemas e Possibilidades*. Cadernos Cedes, 32 (84), 25-34.